

Quando a palavra vira cálculo e o cálculo vira canto

Rafaela de Sousa Melo

Campos Abaetetuba, polo Tomé-Açu Pará, Brasil

rafaela.silva@abaetetuba.ufpa.br

Graduada em Licenciatura em Matemática

Universidade Federal do Pará

Ainda me lembro da primeira vez que ouvi sobre a carta de Bepkrô. Havia ali uma potência que transcendia a escrita: uma fala ancestral, uma memória viva que insistia em ensinar, mesmo quando a escola parecia querer silenciar. Era uma carta, mas era também um gesto de afirmação. Um chamado. Um convite a ver a matemática com outros olhos, olhos que atravessam o tempo e se debruçam sobre as margens do rio.

“Aprendi a contar com sementes e a medir com o corpo. O tempo era o canto do galo e a dança das cigarras. Era com meu avô que eu aprendia as coisas do mundo, e tudo que ele me ensinava era matemática, mesmo que ele não dissesse essa palavra” (Bepkrô, 2023)¹.

Bepkrô, jovem indígena do povo Kayapó, residente na aldeia Prinekô no sul do Pará, escreveu essa carta durante o curso preparatório para o Processo Seletivo Indígena e Quilombola (PSIQ 2025), promovido pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), sob orientação da professora Renata Lourinho da Silva. Foi ela quem ministrou as aulas e acompanhou os estudantes indígenas com sensibilidade e compromisso, criando o espaço para que tais narrativas emergissem com força e verdade.

Eu, como observadora externa e aprendiz nesse processo, fui atravessada pelas histórias que Renata generosamente compartilhou comigo. Com sua permissão e incentivo, transformei essa escuta em escrita. Não vivi diretamente os encontros, mas fui profundamente mobilizada

¹ Citação extraída da carta cuja análise documental é pertinente à pesquisa comunicada no artigo da mesma autora, “Memórias de um professor indígena e os saberes matemáticos na educação escolar indígena”, Anais do XXIII Seminário Temático Internacional, p. 1-10, Abril, 2025, disponível em: <https://anais.ghemat-brasil.com.br/index.php/STI/article/view/463/603>, acesso em set. 2025.

pelas memórias, pelos relatos e pela força que pulsa nas palavras de quem aprende ensinando e ensina aprendendo.

A carta de Bepkrô narra sua infância, o tempo de aprender a contar não com números no quadro-negro, mas com as sementes que escorriam das mãos do seu avô. Cada semente tinha um valor, uma função, um ritmo. Aquilo não era apenas contar. Era cantar. Era lembrar. Era narrar uma história inteira de um povo que sabe medir o tempo pela altura do rio e calcular os dias pela dança das cigarras.

Durante uma atividade formativa com professoras da rede pública municipal do Pará, mediada por mim, compartilhamos esse texto em voz alta. A sala silenciou. Algumas professoras se emocionaram. Outras ficaram inquietas. Uma delas disse: “Parece que ele escreveu pra mim. Sempre achei que o saber da minha avó não cabia na escola.” Foi ali que compreendi: a etnomatemática não precisa ser ensinada, ela precisa ser reconhecida. Ela já habita os corpos, as palavras, os gestos.

Uma das participantes, ainda visivelmente emocionada, escreveu uma resposta à carta. Nela dizia: “Depois que li as palavras de Bepkrô, nunca mais olhei a matemática da mesma forma. Porque, depois dele, ela deixou de ser só conta. Passou a ser encontro.” Suas palavras ecoaram outras vozes silenciadas de avós, de marisqueiras, de parteiras, de mulheres que medem, calculam, preveem, mas que raramente são reconhecidas como “matemáticas”.

Essas cartas, e as conversas que vieram depois, me ensinaram que ensinar matemática é, antes de tudo, escutar. Escutar o modo como cada cultura aprende a nomear o mundo, a registrar o tempo, a organizar o espaço. Escutar o *matema* nas danças, nas cestarias, nas rotações da roça. E entender que não há uma só matemática, mas muitas etnomatemáticas que habitam o chão da escola e que, por isso, precisam ser vistas, valorizadas, ensinadas.

Como bem diz D'Ambrosio (2023, p. 46), “a matemática que se aprende na escola é apenas uma entre tantas formas de organizar o pensamento. As comunidades tradicionais têm seus modos próprios, enraizados em suas práticas cotidianas e saberes culturais.” Esses modos

não são apenas estratégias para resolver problemas, são expressões de vida, de pertencimento, de ancestralidade. Quando um estudante como Bepkrô escreve sobre suas memórias, ele não apenas recorda: ele reivindica o direito de existir na escola com a sua história, sua linguagem e sua forma de pensar o mundo.

É nessa ética do encontro que a Etnomatemática se ancora: no respeito às diferenças, na escuta ativa, na abertura para o outro. Não como um “outro exótico”, mas como um igual com outros saberes, outras temporalidades, outras formas de calcular e narrar. Ensinar, nesse contexto, não é impor fórmulas, mas criar espaços de reconhecimento. E reconhecer, também, é um ato político e poético.

Quando a palavra vira cálculo e o cálculo vira canto

When the word becomes calculation and the calculation becomes chant

Cuando la palabra se vuelve cálculo y el cálculo se vuelve canto

Resumo

A crônica apresenta uma experiência de escuta e escrita inspirada na carta do professor indígena Bepkrô, do povo Kayapó, escrita durante um curso preparatório sob orientação da professora Renata Lourinho. A partir dessa narrativa, emergem reflexões sobre os saberes matemáticos ancestrais e a presença da etnomatemática no contexto da formação docente. O texto propõe a valorização da memória, da oralidade e dos territórios culturais como fundamentos ético-poéticos para o ensino. Mais do que relatar um episódio, a crônica busca traduzir um encontro entre mundos por meio da educação sensível e plural.

Palavras-chave: Etnomatemática. Cartas. Memória. Cultura. Formação docente.

Abstract

This chronicle presents an experience of listening and writing inspired by the letter of the Indigenous teacher Bepkrô, from the Kayapó people, written during a preparatory course under the guidance of professor Renata Lourinho. From this narrative emerge reflections on ancestral mathematical knowledge and the presence of ethnomathematics in teacher education contexts. The text proposes valuing memory, orality, and cultural territories as ethical-poetic foundations for teaching. More than reporting an episode, the chronicle seeks to translate an encounter between worlds through sensitive and plural education.

Keywords: Ethnomathematics. Letters. Memory. Culture. Teacher training.

Resumen

Esta crónica presenta una experiencia de escucha y escritura inspirada en la carta del profesor indígena Bepkrô, del pueblo Kayapó, escrita durante un curso preparatorio bajo la orientación de la profesora Renata Lourinho. A partir de esta narrativa surgen reflexiones sobre los saberes matemáticos ancestrales y la presencia de la etnomatemática en la formación docente. El texto propone valorar la memoria, la oralidad y los territorios culturales como fundamentos ético-poéticos para la enseñanza. Más que relatar un episodio, la crónica busca traducir un encuentro entre mundos a través de una educación sensible y plural.

Palabras clave: Etnomatemática. Cartas. Memoria. Cultura. Formación docente.